



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS**

**CAMPUS ERECHIM**

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**IVETE SONIA MARCHESKI**

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CINEMA:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE “CÍRCULO DE FOGO” E “O RESGATE DO  
SOLDADO RYAN”**

**ERECHIM**

**2017**

**IVETE SONIA MARCHESKI**

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO CINEMA:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE “CÍRCULO DE FOGO” E “O RESGATE DO  
SOLDADO RYAN”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de graduação em  
História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul como requisito para  
obtenção de grau de Licenciado em  
História

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen  
Fraga.

ERECHIM

2017

Ivete Sonia Marcheski

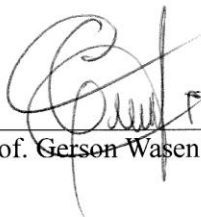
“A segunda Guerra Mundial no Cinema: uma comparação entre Círculo de Fogo e o Resgate do Soldado Ryan”.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Gerson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

Banca examinadora:



Prof. Gerson Wasen Fraga



Prof. Gerson Luis Egas Severo



Prof. Mairon Escorsi Valério

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim que me possibilitou cursar a graduação.

A todos os professores do curso de Licenciatura em História da UFFS, pelos conhecimentos e experiências, das mais diversas, que transmitiram.

De modo especial, agradecer ao orientador, Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga, que com dedicação, paciência e seus conhecimentos, colaborou para a realização deste trabalho.

A Prf<sup>a</sup> Msc<sup>a</sup>. Gladis Helena Wolff, que desde o meu ensino fundamental, contribuiu com suas aulas e sua forma impar de compartilhar seu vasto conhecimento histórico, e suas palavras de incentivo, plantando assim, a semente da curiosidade histórica em mim.

A minha amiga Luana Alberti, por ter proferido, em momento oportuno, a frase: “Então faz História se tu gosta!”

A todos os colegas da turma História UFFS 2013, pelo companheirismo e momentos compartilhados.

Aos meus familiares, que das mais variadas e possíveis formas, manifestaram apoio e incentivo.

E a todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como meta, apresentar algumas características referentes à utilização de obras cinematográficas como fontes históricas, neste caso, específicas da Segunda Guerra Mundial. Como esse mecanismo de entretenimento se inseriu no meio histórico, como atua nos espectadores e o que lhes provoca no campo emocional. Para tal, utilizaram-se dois filmes, "O Resgate do Soldado Ryan" e "O Círculo de Fogo" que tem suas abordagens embasadas em duas batalhas da Segunda Guerra Mundial, Stalingrado e o DIA D, que foram marcos decisivos para o desfecho final da mesma. Como cada produtor buscou utilizar o fato histórico para desenvolver em paralelo uma história fictícia. Em que pontos as obras vão de encontro uma da outra e aonde se distanciam. Como este mecanismo pode ser inserido no dia a dia das salas de aula auxiliando os professores de História, e se aproximando da necessidade de acompanhar um momento em que a sociedade vive uma avalanche de informações imediatas, como animações, sons, imagens e efeitos especiais, cada vez mais inovadores, não deixando que se percam esses fatos históricos que, muitas vezes, contribuíram para as tecnologias atuais.

Palavras-chave: História. Guerra. Cinema. Documentos.

## **ABSTRACT**

This research aims to present some characteristics related to the use of cinematographic works as historical sources, in this case specific to World War II. How this entertainment mechanism was inserted in the historical environment, how it acts in the spectators and what causes them in the emotional field. For that, two films were used, "The Rescue of Private Ryan" and "The Circle of Fire" that have their approaches based on two battles of World War II, Stalingrad and DIA D, that were decisive milestones for the final outcome of the same. As each producer sought to use the historical fact to develop a fictitious story in parallel. At what points do the works go against each other and where do they distance themselves? As this mechanism can be inserted into the day-to-day classrooms by assisting History teachers, and approaching the need to accompany a moment in which society is experiencing an avalanche of immediate information such as animations, sounds, images and special effects, increasingly innovative, not letting themselves be lost those historical facts that have often contributed to current technologies.

Keywords: History. War. Movie theater. Documents.

## SUMÁRIO

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                | 9  |
| CAPÍTULO 1.....                                                 | 11 |
| CINEMA .....                                                    | 11 |
| CAPÍTULO 2.....                                                 | 20 |
| SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....                                    | 20 |
| CAPÍTULO 3.....                                                 | 31 |
| OS FILMES “O RESGATE DO SOLDADO RYAN” E “CÍRCULO DE FOGO” ..... | 31 |
| CONCLUSÃO .....                                                 | 42 |
| REFERÊNCIAS .....                                               | 44 |

“A humanidade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.” (Paulo Freire).



## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise e interpretação das relações entre a Segunda Guerra Mundial e o cinema. Como esta ferramenta audiovisual vem sendo considerada como uma fonte histórica e um instrumento utilizado para transmissão/construção de conhecimento, a forma com que os fatos são retratados nestas obras provocam a exploração por parte do educador em suas atividades docentes. Utilizar filmes para retratar períodos históricos é uma forma de abordagem estética. Algo que vá encantar os olhos e satisfazer a alma, como um mergulho mais profundo no momento retratado. Mesmo que as leituras acerca de um recorte histórico permitam essa sensação, as imagens somadas aos sons despertam, de forma rápida, sensações diversas acerca das questões abordadas. Um recorte histórico sendo abordado na linha cinematográfica não permanece preso ao fato em si, podendo ser entrelaçado com histórias fictícias e isso, para fins pedagógicos, pode facilitar o aprendizado do tema abordado. Nos recursos audiovisuais é possível observar, recriar ou imaginar os cenários em que ocorreram os fatos, o tipo de vestimenta que os personagens utilizavam na época, as paisagens em que estes ocorreram. Todas estas características somadas alimentam uma satisfação interior que facilita na absorção de informações históricas.

Para tanto, faremos uso de dois filmes que apresentaram considerável sucesso de público, “O Resgate do Soldado Ryan” e “Circulo de Fogo”. Além do sucesso com relação aos espectadores, os recortes históricos estão fortemente interligados, o que permite uma análise acerca das narrativas expostas. Somadas as informações referentes a estes recortes, também é possível observar nestas obras outros elementos, tais como as formas de atuação dos exércitos na guerra, sua organização, o armamento utilizado, o estrato social das pessoas que participavam dos combates, etc. É possível também descrever figuras marcantes deste momento histórico, bem como apresentar as dificuldades e estratégias de sobrevivência que foram desenvolvidas naquele meio de perigo constante.

Outro ponto importante que também será abordado é a apresentações de algumas localizações em que ocorreram os combates, dando uma prévia dimensão da expansão da guerra e de alguns países envolvidos; o que os levou a participarem dela e como estes ficaram após o término da mesma, além de retratar o cotidiano de quem viveu na guerra, sendo combatente ou não.

Nossas escolhas se justificam por estas duas obras estarem retratando acontecimentos, considerados fundamentais, para o desfecho final que teve a Segunda Guerra Mundial. “Resgate do Soldado Ryan” aborda a batalha do dia “D”, batalha esta que marcaria a virada na guerra a partir da participação estadunidense e inglesa. Já “Circulo de Fogo” apresenta outra batalha importante, a de Stalingrado e a perspectiva da vitória aliada a partir da resistência soviética no conflito.

Como hipótese, defendemos que, cada uma destas duas obras traz em seu enredo abordagens referentes à guerra que se aproximam, fazendo com que conversem entre si ao fazer a interpretação histórica. E, em termos de organização política e social que cada uma delas estava embasada, divergem em alguns momentos, ao apresentarem as versões fictícias embasadas nos recortes históricos no período da guerra. Cada uma das histórias aborda as maneiras distintas de atuação dos exércitos. Essas abordagens são ricas em detalhes que remetem à forma com que cada país atuou com seus exércitos na guerra, onde obtiveram vantagens e onde não; como conseguiram chegar aos resultados finais e de que forma foi possível. Essas informações são grandes pontos provocadores de críticas que movem e removem a História. Este cruzamento entre a história e o cinema nos leva à reflexão, ao mesmo tempo em que provoca a satisfação estética da alma de quem às assiste.

## CAPÍTULO 1

### CINEMA

A busca e preocupação com o registro de imagens, sejam referentes ao cotidiano de pessoas comuns ou de relevante importância para as sociedades, bem como de paisagens, eventos e fatos marcantes de determinados períodos, é uma preocupação antiga. As maneiras de efetuar tal registro foram mudando e também se aperfeiçoando. De início têm-se as pinturas, inclusive as rupestres. Evoluiu-se então das pinturas para as fotografias, reproduzindo com mais precisão ainda as imagens. E então, de uma imagem inerte para uma sequência de imagens que se moviam em cor preta e branca apenas, sem emitirem sons. Este invento não deixou, à época, de causar certo pânico na população por tão ousada criação. Para finalizar e chegar o mais próximo dos dias atuais, as cenas recebem movimentos, sons e cores, nascendo e consolidando assim o cinema.

Além de levar diversão, romance, ação e muitas outras emoções pelas quais os seres humanos são movidos, o cinema, com sua estética, tem o poder de proporcionar uma “viagem no tempo” quando se utiliza de recortes históricos para compor as obras. Não deixando de lado os encantos do manuseio dos livros que fazem com que os leitores também façam essa viagem, o seu diferencial está em oferecer já prontas as imagens e sons, fazendo com que o espectador se sinta mergulhado no momento apresentado, fazendo desta uma experiência prazerosa.

Para que se entenda um pouco melhor esse aglomerado de emoções que as telas do cinema proporcionam aos espectadores, a estética é um dos fatores que se destaca. Estética é uma palavra com origem no termo grego *aisthetiké*, que significa “aquele que nota, que percebe.” Estética é conhecida como a filosofia da arte, ou estudo do que é belo nas manifestações artísticas e naturais. A estética é uma ciência que remete para a beleza e também aborda o sentimento que alguma coisa bela desperta dentro de cada indivíduo.

De acordo com QUINSANI, (2014, p.9):

“Quando os irmãos Lumière projetaram as primeiras luzes oriundas do seu cinematógrafo no final do século XIX, mais do que desenvolver uma nova forma de entretenimento, eles lançaram os alicerces para aquilo que viria a ser uma nova arte, uma nova indústria e uma nova forma de realizar história. O rápido desenvolvimento da linguagem cinematográfica e a produção de

milhares de filmes ao redor do mundo, logo levou o cinema a lançar suas luzes para o passado, para a história e para o meio social, de forma analítica e interpretativa”.

Também SILVA (2004) nos coloca como se deu a união do cinema em relação à história:

A historiografia durante muito tempo negou a legitimidade do filme como documento histórico. Uma história de cunho positivista teimava em considerar o cinema como um instrumento de distorção do passado, que quando não o falsificava, trivializavam. Somente a partir de 1970, com a “revolução francesa da historiografia”, ou seja, com Escola dos Annales e a reformulação do conceito e dos métodos da História, é que a historiografia passou a encontrar no filme um importante canal através do qual conseguiu apreender testemunhos da sociedade, de sua mentalidade, de seus costumes e de sua ideologia (SILVA, 2004, p.2).

Ainda conforme QUINSANI, (2014):

Nestes longos anos do curto século XX, diversos pensadores, escritores, curiosos e estudiosos debruçaram-se sobre os fotogramas e suas luzes projetadas no meio social. Para os historiadores, a reflexão e a mera incorporação deste novo meio artístico, simplesmente pensado como fonte histórica, teve início na década de 1970. Uma frase provocativa dizia que “os historiadores não costumam aparecer para o casamento, mas sim para o enterro”. O receio, ou talvez o puro temor, de incorporar o cinema nos meandros da disciplina histórica foi diminuindo nas últimas décadas, e, hoje, uma vasta produção sobre o cinema pensado como fonte histórica ou como objeto de reflexão para a própria condição histórica encontra respaldo no meio acadêmico (QUINSANI, 2014, p. 9).

Como se pode ver, na origem do cinema, não se tinha o objetivo de torná-lo um fator ou mecanismo a ser utilizado para registros e reproduções da história. Porém este passou a se apresentar como uma forma mais simples, menos científica e árida de se entender a história, deixando de ser um assunto que despertasse apenas o interesse dos profissionais e estudiosos desta área, mas também dos mais variados públicos. O fato é que a junção se deu de tal forma que, nos dias atuais, quase não se pode imaginar uma transmissão de fatos históricos sem que se mencione algum filme ou qualquer outro produto oriundo de gravações que contenha recortes de períodos históricos.

Já, NÓVOA (1995), seguindo na mesma linha de análise, coloca:

É até possível que tenham pensado que a produção de imagens exibidas numa mesma tela viesse a ter a sua cronologia registrada pelo historiador, mas com muita dificuldade imaginariam que o cinema fosse adquirir uma importância tão grande para a história e para os historiadores a ponto destes cunharem a expressão *cinema-história*. Os historiadores, por sua vez, na época da fundação do cinema, estavam mergulhados na concepção positiva, atualizada na França por Langlois e Seignobos, para a qual “a história só se fazia com documentos”. O documento para mentalidade de então, era sobretudo o escrito, ponto de partida e de chegada para a reconstrução do fato histórico, Eles foram incapazes de mudar suas concepções, não somente no que concerne à história, mas também à documentação (NÓVOA, 1995, s. p.).

E SILVA (2004,p.3), aborda ainda:

Consideramos sim, o cinema como arte, que tal qual a arte renascentista, precisa de um mecenas. E como qualquer arte, é preciso historicizá-la. Muitas vezes sua produção tem um quê de industrial; arregimentando em torno de si todo um complexo de estruturas sociais, políticas e econômicas – difundindo hábitos e costumes e influenciando a sociedade. Insere-se no mundo da máquina como um instrumento de coerção moral, mas isso não o descaracteriza como arte.

Portanto, a partir desse encontro e união entre história e cinema, ainda com Nóvoa (1995), continuamos verificando como se prosseguiu este enlace:

Quando o historiador passou a observar o filme, para além de fonte de prazer estético e de divertimento, rapidamente ele o percebeu como agente transformador da história e como registro histórico. Neste momento, tornou-se indispensável a cunhagem do binômio **cinema-história**. Este busca traduzir a importância que a relação cinema-história adquiriu ao longo do século XX, mas é muito breve para dar conta dos problemas teóricos e epistemológicos que a relação impõe. É possível afirmar que, desde que a história foi fundada por Heródoto e Cia, nunca nenhum elemento ou agente histórico foi tão importante a ponto de ter a sua designação associada à palavra história. Nenhum documento se impôs tanto, de tal modo a fazer jus a uma elaboração teórica, como ocorreu com o filme. Este, para o cientista social, para o psicólogo e para o psicanalista, passou a ser visto como um modelador de mentalidades, sentimentos e emoções de milhões de indivíduos, de anônimos agentes históricos, mas também como registro do imaginário e das ações dos homens nos vários quadrantes do planeta (NÓVOA, 1995, s. p.).

E como forma de complemento das informações deste período, Nascimento, (2008), informa que:

O cinema, hoje, faz parte das preocupações dos historiadores. Não era assim na época em que foi criado. Segundo Marc Ferro, na ótica dos historiadores do início do século XX, o filme não era considerado um documento histórico. Partindo do princípio do Direito, entendiam que o roteirista, e não o diretor, era o autor do filme. O que não era escrito não era valorizado enquanto registro histórico. Portanto, não tinham como enquadrar o filme, a imagem, no rol das fontes documentais. Esse quadro começaria a mudar precisamente a partir da década de 1960, quando as relações teórico metodológicas entre o cinema e história tornaram-se objeto de estudo sistemático por parte de alguns historiadores, especialmente Marc Ferro e Pierre Sorlin, ligados à Escola dos Annales, no momento em que a historiografia ampliava seus horizontes e apresentava novos métodos e objetos de análise (NASCIMENTO, 2008, p. 1 e 2).

Como se pode notar, a aceitação do cinema como fonte histórica teve suas batalhas, e graças a alguns nomes marcantes nas mudanças dos meios de análises históricas, é que se tem hoje esta ferramenta significativa em utilização.

Para se entender como ocorre e ocorreu este fascínio, encantamento e homogeneização entre o cinema e a história, acompanhemos o que AUMONT, et. al. (2002), colocam com relação à estética deste segmento de produção:

Uma delas refere-se a uma abordagem estética. A estética abrange a reflexão sobre os fenômenos de significação considerados como fenômenos artísticos. A estética do cinema é, portanto, o estudo do cinema como arte, o estudo dos filmes como mensagens artísticas. Ela subentende uma concepção do “belo” e, portanto, do gosto e do prazer do espectador, assim como do teórico. Ela depende da estética geral, disciplina filosófica que diz respeito ao conjunto das artes (AUMONT, et. al. 2002, p. 15).

Ainda temos em AUMONT, et. al. (2002):

A estética do cinema apresenta dois aspectos: uma vertente geral, que considera o efeito estético próprio do cinema, e uma vertente específica, centrada na análise de obras particulares: é a análise de filmes ou a crítica no sentido pleno do termo, tal como é utilizado em artes plásticas ou musicologia (AUMONT, et. al. 2002, p. 15 e 16).

Como complemento desta linha de análise AUMONT, et. al. (2002), coloca:

Desde os primórdios do cinema, os filmes ditos “representativos” formam a imensa maioria da produção mundial (inclusive os “documentários”), embora, desde bem cedo, esse tipo de cinema tenha sido muito criticado. Reprovou-se, entre outras, a ideia de “janela aberta para o mundo” e as formas análogas de veicular pressupostos idealistas que tendiam a confundir o universo fictício do filme com o real (AUMONT, et. al. 2002, p. 26).

Com o objetivo de aprofundar a questão da estética do cinema ligada à satisfação que esta provoca no ser humano, o século XIX traz à luz a uma nova disciplina ligada aos estudos da Psicologia: a psicologia experimental. Tendo seu primeiro laboratório fundado em 1879 por Wilhelm Wundt, a disciplina toma corpo e se amplia consideravelmente em cem anos, mas o marco fundamental referente aos estudos relacionados com as percepções humanas, principalmente as visuais, ocorre no período entre os anos 1910 e 1920 com a criação do cinema mudo e suas evoluções. Já nos anos 1930, Hugo Munsterberg e Rudolf Arnheim aprofundam os estudos relacionados à ilusão representativa no cinema e o que esta provoca no espectador. Hugo Munsterberg era formado em Filosofia e Psicologia, mas é considerado um dos pioneiros nos estudos relacionados ao cinema. Seu interesse em compreender a percepção do filme pelo espectador rendeu trabalhos importantes relacionados com a forma como eram estruturados os filmes e a ligação destes com o espírito humano.

Com relação a esse período e os estudos realizados por Hugo Munsterberg, Aumont contribui:

Um de seus grandes méritos foi ter demonstrado que o fenômeno, essencial ao cinema, da produção de um movimento à parte, explicava-se por uma propriedade do cérebro (o “efeito-fi”) e de forma alguma pela dita “persistência retinina”, estabelecendo assim as bases – muitas vezes esquecidas, a bem dizer – de qualquer teorização moderna desse efeito. Na esteira dessa explicação do efeito-movimento por uma propriedade do espírito humano, Hugo Munsterberg desenvolve uma concepção do cinema como um processo mental, como *arte do espírito*. Desse modo, o cinema é a arte:

- da atenção – É o registro organizado segundo os mesmos caminhos pelos quais o espírito dá sentido ao real (é assim que Munsterberg interpreta, por exemplo, o *close-up* ou acentuação dos ângulos de tomada);
- da memória e imaginação – Permitem justificar a compressão ou a diluição do tempo, a noção do ritmo, da possibilidade de *flashback*, da representação dos sonhos e, mais geralmente, da própria invenção da montagem;
- das emoções – Fase suprema da psicologia, que traduz na própria narrativa, que Munsterberg considera como a unidade cinematográfica mais complexa, que pode ser analisada em termos de unidades mais simples e que corresponde ao grau de complexidade das emoções humanas.

Assim, da simples ilusão de movimento à toda uma gama complexa de emoções, passando por fenômenos psicológicos, como a atenção ou a memória, o cinema é feito para dirigir-se ao espírito humano, imitando seus mecanismos: falando psicologicamente, o filme não existe nem na película nem na tela, mas somente no espírito que lhe proporciona sua realidade. A tese central de Munsterberg é formada dessa maneira: “O filme conta-nos a história humana superando as formas do mundo exterior – o espaço, o tempo e a causalidade; e ajustando os acontecimentos às formas do mundo interior – a atenção, a memória, a imaginação e a emoção.” (AUMONT, et. al. 2002, p. 225 e 226).

Portanto, pode-se notar que não faltaram interesses e interessados em compreender o que se passa nos espectadores quando lhes são apresentadas sequências de imagens representando situações, e cabe frisar que isso ocorre já há um tempo considerável. As formas, ferramentas e maneiras de reprodução de imagens e do cinema em si podem ter sofrido inúmeras mudanças e modernizações ao longo do tempo, porém, o prazer e encantamento que brota do interior humano permanecem imutáveis, ou até arriscamos colocar que este se sente instigado em assistir cada vez mais.

A existência humana parece perseguir uma exigência inconsciente de “sonhar com os olhos abertos”, feito que o cinema materializou de forma ímpar, como nos coloca QUINZANI, 2014:

Se a artisticidade do cinema está nos limites impostos pelo homem, centrada na atividade do seu próprio inconsciente, este não é uma entidade abstrata, mas um produto contingente da realidade (QUINZANI, 2014, p.9).

Como já mencionado anteriormente, o interesse em se realizar registros de imagens de pessoas importantes para a sociedade, assim como de fatos marcantes para

esta, se fez e faz presente há muito tempo. Atualmente se dispõe de câmeras fotográficas e filmadoras de alta precisão e de inúmeras formas de reprodução. Portanto, se uma pintura ou fotografia relatando fatos históricos desperta várias emoções no espírito humano, como já demonstrado anteriormente com relação a estudos realizados pela psicologia, o cinema não perdeu seu tempo em utilizar fatos históricos para aumentar a abrangência de suas obras, seja como arte, seja como negócio. E passa a ser, em grande parte das vezes, exatamente o primeiro contato dos indivíduos com temáticas históricas, despertando o interesse pela história.

Na busca incessante em satisfazer este prazer de “sonhar com os olhos abertos” é que se passa a dar mais atenção às criações que se pretende apresentar à sociedade. Para melhor esclarecer este fator, NÓVOA, (1995), apresenta:

O fenômeno do cinema se transformou assim, rapidamente, em um excelente meio para dominar corações e mentes, criando e manipulando as evidências, elaborando uma realidade que quase nunca coincide objetivamente com o processo histórico que pretende traduzir. A *realidade-ficção* do cinema promove, de fato, as leituras e interpretações das camadas sociais que, direta ou indiretamente, controlam os meios de produção cinematográfica. Estes se tornam, ao longo do século, um dos mais eficazes instrumentos promotores de substância ideológica homogeneizadora da dominação do capital nas diversas nações e no mundo, a ponto de se usar, de mais a mais, em alguns meios científicos em diversas latitudes/longitudes, já não mais tanto a idéia do consenso, mas a noção do “*pensamento único*”, para acentuar a ação dominadora dos meios de comunicação hoje (NÓVOA, 1995, s. p.).

Partindo do pressuposto de que os lares das atuais sociedades, quase em sua totalidade, possuam pelo menos um aparelho de televisão com vários canais e, sem contar o aparelho de telefone celular com internet que possibilita o acesso a filmes variados, ou recortes deles, em qualquer momento do dia, o cinema atinge todas as classes sociais. Este é um entretenimento que, desde seus primórdios, pode chegar a praticamente todas as pessoas. Assim, através deste meio, as imagens têm facilidade em se difundir como informação a um maior número de espectadores. Independente de que língua original as obras sejam, em que locais foram produzidas e outras características particulares que cada uma traz consigo, é possível adaptá-las ou legendá-las e se fazer compreender pelo mundo todo. E como se trata de uma arte que está ligada diretamente à satisfação do espírito humano, suas emoções não escolhem cor, raça, necessidades especiais individuais nem classe social para se expandir. Seja chegando aos momentos de reuniões familiares ou para ocupar algum tempo ocioso no cotidiano individual ou também nos espaços públicos que proporcionam os encontros ou “aglomerações” de



peessoas, a arte cinematográfica é uma forma de preenchimento, prazer e satisfação, e em grande parte difusão de informações.

Pensando na linha de atuação do historiador, Quinsani, (2014, p.29), ressalta que não cabe a este fechar os olhos para o cinema, seus desafios e os diferentes usos e abusos realizados com a História. Renunciar ao debate e à reflexão implica na perda da função social e política que o fazer historiográfico carrega e dele é indissociável.

E para complementar, Nóvoa coloca também que:

O historiador não pode esquecer o quanto o historicismo e a cronologia são indispensáveis ao seu trabalho, sem se fazer concessões àqueles que confundem a história com a filosofia da história e que desprezam a importância dos documentos como elos da mediação entre as manifestações fenomênicas dos acontecimentos e as estruturas que as condicionam (NÓVOA, 1995, s. p.).

Como se pode notar, a utilização do cinema em relatos históricos possui suas minúcias e fatores de grande importância que devem ser analisados pelo historiador com o objetivo de utilizar este como ferramenta de registro representativo. E como já se observou, o fenômeno cinematográfico tomou dimensões significativamente expansivas. Como ressalta Quinsani, (2014, p.28), “Se antes o filme realizava algumas escaramuças pela janela do laboratório de história, agora ele arrombou a porta e, não seria exagero dizer, em alguns casos, a porta estava escancarada.”

Com relação à participação do cinema como ferramenta didática, Nascimento (2008, p.5) aponta: “Mas, será a partir do final da década de 1980, pela influência da historiografia francesa, em especial, e pelo alargamento dos meios de comunicação de massa no país, que o cinema ganhará definitivamente espaço nas discussões pedagógicas, em livros e revistas científicas e em ações e programas de órgãos públicos ligados à educação”.

Já no campo de pesquisas acadêmicas, os estudos relacionados com o cinema-história, tomam corpo na década de 1990, fazendo parte de dissertações e teses de doutorando nas variadas ramificações que o tema abrange.

E na questão relacionando cinema/história nas escolas de ensino fundamental e médio, Nascimento descreve em sua pesquisa que:

Na literatura pertinente à relação cinema/história aparece com frequência à interpretação de que as pessoas têm acesso ao conhecimento histórico muito mais pela via cinematográfica do que necessariamente por meio da leitura, do livro didático ou de qualquer outro texto escrito, sem citar o papel do professor em sala de aula. O historiador Robert Rosenstone, um dos principais pesquisadores norte americanos nesse campo de estudo, aponta para o fato de que o mundo atual encontra-se “dominado pelas imagens”, em

que as pessoas constroem suas representações do passado, “cada vez mais”, a partir do cinema e da televisão. E sintetiza: “Hoje em dia, a principal fonte de conhecimento histórico para a maioria da população é o meio audiovisual [...]”. Cristiane Nova, ex-diretora de redação da revista *O Olho da História* e estudiosa do assunto, partilha da mesma consideração: “Essa é uma verdade incontestável no mundo contemporâneo [...] a imagem domina as esferas do cotidiano do indivíduo urbano. E, em grande medida, esse fato deve-se à existência e à popularização dos filmes ditos históricos” (NASCIMENTO, 2008, p. 9 e 10).

Assim sendo, NÓVOA, (1995), também ressalta que:

Diante disso, os filmes podem e devem ser tratados como documentos para a investigação historiográfica do mesmo modo que a literatura, a pintura, a arquitetura e os monumentos. Para a ciência histórica, o fenômeno cinematográfico assume uma dimensão ainda mais importante que o da literatura. Isto foi demonstrado, de modo irrefutável pela experiência do século XX. O cinema tornou-se um insubstituível instrumento de produção e difusão, não de consciência real, muito menos da ciência, mas de massificação de ideologia mantenedora do *status quo*. Isso pode, sem dúvida, ser exemplificado pela emergência de dois importantes fenômenos históricos do século XX: o nazi-fascismo e o stalinismo. [...] Desse modo, ao tratar o filme como agente ou como fonte, o historiador terá que fazer face ao complexo e fundamental problema da reconstrução do real, seja no nível das relações sociais, seja no nível da psicologia social, das chamadas mentalidades ou do imaginário, ou ainda das articulações destas com a ideologia e com as relações sociais de uma determinada sociedade. O enfrentamento destas questões exige, ao mesmo tempo, uma preparação não apenas histórica, mas também teórica, capaz de abordar o fenômeno da ideologia, não apenas no que concerne à sua ação obscurecedora, vendedora de ilusões, mas também no que diz respeito à sua capacidade de inversão na ordem de causa e efeito dos fenômenos do real (NÓVOA, 1995, s. p.).

Atualmente, alguns autores que trabalham na linha de cinema/história afirmam também que, se o historiador se afasta deste meio de comunicação, pode também provocar o afastamento do público com relação à história.

O historiador também deve questionar seu papel diante do filme e passar a elaborar novas categorias e metodologias de análises, já que o cinema, assumidamente, é um veículo extremamente relevante para o debate teórico como documento e instrumento de estímulo para disseminação da informação. É de grande importância que o profissional de história não demonstre indiferença quanto ao ambiente da época que é mostrado na tela, cenários e figurinos. Todos estes detalhes podem trazer ricas informações históricas. Mesmo que o enredo do tema não contenha relatos marcantes, há sempre detalhes pontuais nas obras que poderão apontar um recorte histórico nas imagens. E, ainda mais interessante do que a análise das semelhanças históricas que as obras trazem, o debate com relação às controvérsias não deverão passar despercebidas.

No campo das produções cinematográficas ligadas aos fatos da Segunda Guerra Mundial, pode-se encontrar várias obras de grande qualidade e criatividade. A maioria

delas produzidas pela indústria norte-americana. Para conhecer um pouco sobre esta parte de produção, Oliveira nos mostra em sua pesquisa:

O cinema norte-americano detém, historicamente, ascendência sobre todas as demais indústrias cinematográficas. Desde o início da era dos grandes estúdios de cinema de Hollywood, passando pela fase de aguda competição com a televisão, até os tempos recentes caracterizados pela aparição de novas mídias para a veiculação de filmes, a indústria cinematográfica norte-americana sempre foi a mais importante, a de maior abrangência, mais alta influência e a de mais substancial lucratividade. O caráter oligopólico do setor produtivo dessa indústria, seu elevado padrão de qualidade e suas táticas de distribuição monopolistas garantiram ao cinema dos EUA uma posição dominante que raramente pôde ser ameaçada. Via de regra, o desafio dos diferentes cinemas nacionais não é sobrepujar Hollywood, mas sim sobreviver à sua concorrência (OLIVEIRA, 2011, p.4 e 5).

Ainda com relação a sua pesquisa sobre o cinema norte-americano e à Segunda Guerra Mundial, Oliveira, (2011) apresenta:

[...] em que pesem algumas transformações operadas na forma pela qual o cinema norte-americano representa a história do envolvimento do país na Segunda Guerra Mundial, percebem-se mais continuidades do que discontinuidades no tratamento do tema, as quais podem e devem ser objeto de análise e interpretação sistemáticas. Mais ainda, a formulação do sentido mais recorrentemente imputado por estes filmes a suas audiências também pode e deve ser objeto de uma reflexão sistemática e aprofundada. (OLIVEIRA, 2011, p. 8 e 9).

Independente dos temas a serem abordados, a arte cinematográfica se consolida como uma das preferidas entre as sociedades. E, em se tratando de registros e recortes históricos, pode ampliar este fascínio e curiosidade para se mergulhar, mesmo que na imaginação, em períodos já passados e vividos por membros desta mesma sociedade ou seus antepassados.

## CAPÍTULO 2

### SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Muitas características relacionadas à forma com que vivemos nos tempos atuais foram fortemente influenciadas e moldadas durante e após a Segunda Guerra Mundial. As tecnologias, a cultura, a política e também, o modo de pensar das pessoas foram afetados por este marco histórico de transição ocorrido no século XX, século este considerado por Eric Hobsbawm como “breve” e tendo sua marca registrada nas guerras. Até então não se vivera guerras ou conflitos de tamanhas proporções e com tamanha participação de potências internacionais. A configuração destas guerras, até então, se dava com um número menor de países ou em durações mais reduzidas. Para quem viveu e sobreviveu a este período, paz e tranquilidade era algo do passado, sem perspectivas de serem vividas em um futuro próximo. Uma das mudanças marcantes no cotidiano das sociedades a partir deste período é a capacidade de se reconstruir e se reinventar em um novo modelo de vida e sobrevivência. Após a Primeira Guerra Mundial é que as mulheres, viúvas de soldados combatentes e também mães destes, tiveram que partir em busca de sua sobrevivência, a dos filhos e familiares que restaram. Este foi um período em que muitos homens com menos de 30 anos foram eliminados da sociedade (talvez em quantidade nunca antes vista), o que obrigou estas mulheres a iniciarem a ocupação de cargos, lugares antes apenas destinados ao público masculino que se apresentava escasso nesta época, pois a necessidade de sobrevivência batia em suas portas com grande desespero, fazendo com que estas mulheres iniciassem sua “emergência” na sociedade.

No campo das tecnologias desenvolvidas para auxiliar nos combates e batalhas, a arma, com efeito, mais marcante na I Grande Guerra foi o submarino. Este foi criado para atacar embarcações britânicas que transportavam alimentos, em uma estratégia que visava liquidar o inimigo matando-o de fome.

Mas todas estas influências e mudanças percorreram um longo caminho. Para melhor compreender, vejamos o que VIZENTINI, (1988) nos apresenta sobre as atividades e acontecidos preliminares acerca da Segunda Guerra Mundial:

A Grande Guerra de 1914-18 foi um típico conflito entre potências industriais capitalistas por uma nova repartição de áreas para expansão econômica, opondo primeiramente o jovem Império Alemão, em ascensão econômico-militar, e o Império Britânico, em nítida perda de ritmo de crescimento. A guerra rapidamente atingiu dimensões mundiais e alcançou níveis sem

precedentes de destruição e morte, graças à aplicação de tecnologia industrial à produção de armamentos (VIZENTINI, 1988, p.10).

Após o término desta guerra, a Europa sofreu com uma intensa crise de desempregos, o que desencadeou mobilizações e conflitos sociais que levaram inclusive para revoluções socialistas (bem sucedidas, como na Rússia, ou mal sucedidas, como na Alemanha). Para detalhar um pouco sobre a questão social, continuemos com VIZENTINI, (1988):

No plano social observa-se a formação da sociedade de massas, configurada sobretudo com a emergência da classe operária e de seus partidos políticos, ainda que estivesse dividida entre social-democratas (reformistas) e comunistas (revolucionários), cujos partidos associaram-se à Internacional Comunista (Komintern). O sindicalismo tornou-se particularmente atuante, e obteve muitas concessões das classes dirigentes, que desejavam evitar novas revoluções socialistas (VIZENTINI, 1988, p.12).

Como se pode notar, já nesse período também ocorre o desabrochar do sindicalismo, responsável, até os dias atuais, por muitos movimentos e reivindicações dos vários segmentos que moldam a sociedade e, através destes, se obtiveram muitos direitos das classes menos assistidas pelas esferas governamentais.

Outro marco histórico que contribuiu para a Segunda Guerra Mundial foi a crise de 1929. A quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque produziu efeitos de dimensão mundial, e o que parecia despontar para um futuro de grande aquecimento econômico em um universo de produção elevada dos mais variados gêneros, desabou, atingindo especialmente a população pobre, já sem condições de consumir o que estava no mercado. Além do meio urbano, as produções agrícolas também estavam sem valorização de mercado. Sobre a crise de 29, VIZENTINI, (1988) nos mostra:

A Crise atingiu todos os países capitalistas, na intensidade de sua associação ao mercado mundial. Esta depressão gera um protecionismo comercial que acentua as diferenças entre “potências ricas”, que possuem grandes impérios coloniais e reservas financeiras e materiais (EUA, Grã-Bretanha e França) e “potências pobres” carentes de colônias e recursos naturais, além e de relativamente superpovoadas (Alemanha, Itália e Japão). Esta situação corresponde ao conceito fascista de oposição entre “nação imperialista” e “nação proletária”. A depressão e a agitação social daí decorrentes vão favorecer a ascensão ou radicalização de regimes autoritários nestes últimos, nos quais existiam também fracas tradições liberais (VIZENTINI, 1988, p.14).

Elevadas taxas de desemprego, diminuição da produção industrial em diversos países, queda nos PIB’S e ações nas bolsas de valores foram alguns dos fatores que levaram muitos investidores, empresários e afins deste meio econômico à bancarrota.

Muitos se suicidaram por não suportarem a perda de patrimônios significativos e se depararem com a falência total em um curtíssimo espaço de tempo.

Com relação ao outro lado do mapa, ou seja, a União Soviética, VIZENTINI, (1988) nos mostra o que acontecia neste mesmo período:

Enquanto a decepção com o capitalismo não cessava de crescer no ocidente, a URSS lançava seu primeiro plano quinquenal. Privada de investimentos externos e marginalizada do comércio internacional, lança em fins dos anos 20 a coletivização de sua agricultura e uma industrialização acelerada, com recursos próprios. Assim, consolidava-se sua base socialista e o país ascendia à condição de potência no momento em que o ocidente capitalista mergulhava numa profunda depressão econômica e intensificavam-se os conflitos sociopolíticos. Grande parte dos trabalhadores ocidentais olhavam com admiração o exemplo soviético, especialmente porque o desemprego na URSS praticamente desapareceu na segunda metade dos anos 30. Deste modo, o fortalecimento dos movimentos de esquerda nos países capitalistas e a ascensão da URSS à condição de Estado industrial criam, na percepção da direita internacional, o espectro de uma revolução social mundial, que se sobrepunha às disputas entre potências capitalistas (VIZENTINI, 1988, p.15).

No decorrer deste mesmo período na Alemanha, o sentimento de insatisfação, indignação e desejo de vingança era o que vinha aflorando com intensidade entre parte da nação. A assinatura do Tratado de Versalhes em 28 de junho de 1919 na França, teve como objetivo encerrar definitivamente os conflitos entre os países europeus envolvidos na Primeira Guerra Mundial, selando a paz no continente. Uma nova reorganização do mapa se daria a partir de então e, no que abrange à questão de punição e responsabilidade pelos efeitos da guerra e danos causados, a Alemanha fora a mais atingida. Por determinação do Tratado de Versalhes, foi definido que esta cedesse partes de seu território e suas colônias para países vizinhos como forma de ressarcimento.

Imposta por ingleses e franceses, a divisão do território alemão foi intensa e significativa. Frações territoriais foram repassadas para a França, Bélgica, Dinamarca, Lituânia e Polônia. E também perderam colônias que possuíam no continente africano. Além do desgaste pós-guerra, a redução territorial enfraqueceu significativamente a economia alemã. A República de Weimar se forma após este acordo para representar esta nova formatação da Alemanha.

Esta punição, considerada excessiva pelos alemães, é uma justificativa apontada por muitos pesquisadores e estudiosos deste tema para o deflagrar da Segunda Guerra Mundial. E foram estas mesmas justificativas que nutriram o desejo de vingança e revanche, sentimentos que serviriam de combustível para a ascensão de Adolf Hitler.

Após o Tratado de Versalhes ser assinado e a paz determinada entre as nações, britânicos e franceses, mesmo vitoriosos, ainda vinham enfraquecidos com o resultado da Grande Guerra. Após Hitler ascender ao poder em 1933, isso seria utilizado em seus planos em busca da retomada de posse dos territórios perdidos pela Alemanha. Hitler pregava em seus discursos que a França despojara-os de territórios e exército, e precisava, portanto ser vencida em um novo confronto. Também afirmava que os Judeus eram culpados pelo desemprego, pela Grande Guerra e a inflação, ou seja, todos os problemas que assolavam a nação naquele período. E se fazia extremamente necessário, segundo ele, que todos alemães se unissem para se tornarem fortes e partissem em busca da recuperação do que lhes fora tirado.

Hitler buscou reunir o maior número de alemães possíveis ao redor de suas ideias, em qualquer local que estivessem. Como o governo alemão não possuía recursos financeiros para se equipar com armamentos pesados e potentes para as batalhas, ele investiu no recuso humano, ou seja, em aglomerar o maior número possível de combatentes, despertando esse desejo de vingança em todos. A meta inicial era convencê-los de sua “superioridade racial” e deixá-los prontos para a revanche, além de partir rumo à destruição do comunismo. VIZENTINI, (1988) também coloca:

Quanto ao fascismo alemão, ou nazismo, sua estrutura ideológica era bem mais complexa. O Partido Nazista, fundado em 1919 e liderado pelo austríaco Adolf Hitler a partir de 1921, era um movimento político contra-revolucionário e anti-parlamentar. O movimento carecia de unidade ideológica e de uma base lógica, apoiando-se em fontes heterogêneas, tais como “a vontade de potência”, de Nietzsche, as teorias racistas de Gobineau e Chamberlain, a “fé no destino”, de Richard Wagner, as teorias sobre herança, de Mendel, a *Geopolítica*, de Haushofer, o neodarwinismo de A. Ploetz e A *decadência do ocidente*, de Oswald Spengler.

Assim, o nazismo apoiava-se em teorias nebulosas, românticas, místicas, medievais. Fazia apelo ao sentimento, à violência, e baseava-se no irracionalismo. Adotava uma postura reacionária, ao buscar no passado medieval ou ariano uma “idade de ouro perdida”. O obscurantismo do fascismo alemão pretendia destruir a civilização oriunda do renascimento, do iluminismo e do liberalismo do século XIX. Era também firmemente anticomunista e antimarxista, embora manipulasse a ideia de um “nacional-socialismo”. Em relação à nação, sua postura era de um ultrachauvinismo, expansionista e militarista. O *Deutscheraum*, ou incorporação dos alemães do exterior ao Grande Reich, e o *Lebensraum*, ou conquista de regiões aos eslavos (que deveriam ser em parte exterminados, em parte escravizados) para fornecer o *espaço vital* necessário ao progresso do povo alemão, eram as orientações fundamentais deste expansionismo violento. É importante notar que o racismo funciona como um complemento e um impulso ao velho imperialismo alemão, justificando-o. A expansão para o leste (Polônia e URSS) não seria mais apenas uma vontade governamental, mas o destino de uma raça eleita.

No plano interno, um Estado policial que extirparia, também pela violência, os “males” que corroíam a sociedade alemã. Isto tudo era pregado abertamente como valores positivos, sendo que os propósitos nazistas estão descritos com clareza no livro *Minha luta*, escrito por Hitler.

Mas a ideia-força que movia todos estes princípios era o racismo (que considerava os arianos, em especial os alemães, como uma raça superior), e sua derivação anti-semita (o mito do “judeu malvado”). Os germânicos, como raça superior, deveriam dominar, escravizar e até exterminar povos inteiros, diziam orgulhosamente os chefes nazistas. Quanto à questão judaica, baseava-se em parte no velho anti-semitismo alemão medieval, mas constituía principalmente um “bode expiatório”, culpada de todos os males que afligiam a Alemanha: as Igrejas cristãs, o comunismo e o capitalismo financeiro (liderados pelos “judeus”, Jesus Cristo, Karl Marx, e Rothschild). É importante mencionar que as teorias racistas de superioridade da raça ariana, geralmente elaboradas por alemães que viviam em núcleos minoritários em outros países (como Alfred Rosenberg), ou germânicos não-alemães (como o inglês Houston Stewart Chamberlain e o aristocrata francês Gobineau), careciam de qualquer base científica, e possuíam uma visão romântica e a-histórica.

Esquemáticamente, a ideologia nazista correspondia ao conservadorismo da classe média (pequena-burguesia) alemã, e esta foi a origem social do movimento e sua principal base de apoio. Hitler, Himmler, Bormann, Hess e outros chefes nazistas eram a própria síntese e encarnação das aspirações, temores, torpezas e do conservadorismo deste segmento social (VIZENTINI, 1988, p.17 e 18).

Além da perseguição aos judeus, comunistas, e demais povos acima citados, com base nas teorias que Adolf Hitler utilizara, os ciganos foram outro povo a ser perseguido com o objetivo de serem eliminados. Para os Nazistas, eles não eram considerados como pessoas, não representavam nenhum tipo de sociedade e deveriam ser caçados e extintos.

Com grande número de alemães já convencidos e dispostos a lutar pela sua pátria, Hitler traçou sua trajetória de ataque, rumo à conquista do que lhes fora tirado. A batalha inicial, e que foi a data máxima do início da Segunda Guerra Mundial, foi a invasão da Polônia em primeiro de setembro de 1939. Essa invasão teria como objetivo, reaver a faixa territorial que ficava em Danzig ou Dantzig (hoje Gdansk), que ligava o continente, ou, a Polônia no caso, ao mar Báltico, também conhecido como corredor polonês, que anterior ao Tratado de Versalhes pertencia à Alemanha. Nas projeções de Hitler, aquela faixa deveria, de qualquer maneira, retornar para posse alemã, e estava certo de que nenhuma das nações envolvidas e que determinou as divisões no tratado se importaria com sua atitude e moveria um fio de cabelo sequer para intervir em seus atos. Na concepção dele, “quem se importaria com Danzig?” E assim, o primeiro passo rumo ao projeto maior de Hitler foi dado, e em 03/09/39, Berlim e França declaram guerra contra a Alemanha.



Neste primeiro ataque, a cavalaria polonesa até investe contra os batalhões alemães e seus tanques, mas é dizimada com facilidade em pouco tempo. Sobre a fase inicial da guerra, HOBSBAWM, (1995) coloca mais detalhadamente:

A Alemanha pareceu mais afortunada por algum tempo. Na década de 1930, quando a guerra se aproximava, a Grã-Bretanha e a França não se juntaram à Rússia soviética, e esta acabou preferindo chegar a um acordo com Hitler, enquanto a política local impedia o presidente Roosevelt de dar mais que apoio burocrático ao lado que apoiava apaixonadamente. A guerra portanto começou em 1939 como conflito puramente europeu e, de fato, depois que a Alemanha entrou na Polônia, que foi derrotada e dividida em três semanas com a agora neutra URSS, como uma guerra puramente europeia ocidental de Alemanha contra Grã-Bretanha e França (HOBSBAWM, 1995,p.45 e 46).

Já em 1940, a Alemanha retalhou a França, a ocupou e a dominou. E nesse período é que a até então neutra Itália fascista se aliou à Alemanha. Após estes acordos, muitos considerariam a guerra como encerrada, já que a Alemanha não se arriscaria a invadir a Grã-Bretanha em virtude do mar e da Real Força Aérea que se apresentavam como obstáculos importantes. Porém, em 22 de junho de 1941, a ambição por conquista de territórios e poder que movia Hitler não havia findado, ele invadiu a URSS. É nesse período que a guerra, antes europeia, se torna mundial. Era uma invasão considerada insensata, afinal, era visível que a Alemanha não daria conta, com seu exército, de lutar em duas frentes em busca de territórios. Outra ousadia ainda maior de Hitler era desafiar o Exército Vermelho. Porém, as ousadias de Hitler conseguiram despertar o temor em Stalin que, em outubro daquele mesmo ano, cogitou a possibilidade de propor a paz entre eles. Mas a bravura dos combatentes russos foi mais forte, fazendo com que barrassem o avanço das tropas alemãs, e se reorganizando para novos ataques contra o exército alemão. Mesmo com seus sucessos, a manutenção da liderança da Alemanha na frente de combate na Segunda Guerra Mundial estava esbarrando na menor quantidade de equipamentos defensivos e de ataque como aviões e afins, instrumentos estes que seus rivais, Grã-Bretanha e Rússia estavam satisfatoriamente melhor abastecidos.

Os Estados Unidos iniciaram neutros na Segunda Guerra Mundial, tentando até 1940 mediar o conflito. Após esse período acabaram entrando na guerra, tendo como um dos principais fatores que levaram a essa decisão o ataque realizado pelo Japão a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, danificando sua frota marinha. Este fora outro ponto que tornou a guerra europeia em mundial. E como se pode notar, com a junção destes aliados, o desafio alemão vai muito além do inicialmente programado. Sobre ele e os rumos que a guerra tomou HOBSBAWM, (1995) também apresenta:

O mistério é: por que Hitler já inteiramente esgotado na Rússia, declarou gratuitamente guerra aos EUA, dando assim ao governo de Roosevelt a oportunidade de entrar no conflito europeu ao lado da Grã-Bretanha, sem enfrentar esmagadora resistência em casa? Pois havia muita pouca dúvida na mente de que a Alemanha nazista constituía um perigo muito mais sério, ou de qualquer modo muito mais global, para a posição dos EUA – e do mundo – que o Japão. Os EUA portanto preferiram concentrar-se mais em ganhar a guerra contra a Alemanha do que contra o Japão, e concentrar seus recursos de acordo. O cálculo foi correto. Foram necessários mais três anos e meio para derrotar a Alemanha, após o que o Japão foi posto de joelhos em três meses. Não há explicação adequada para loucura de Hitler, embora saibamos que ele persistente e impressionantemente subestimou a capacidade de ação, para não falar no potencial econômico e tecnológico, dos EUA, porque julgava as democracias incapazes de agir. A única democracia que levava a sério era a Grã-Bretanha, que com razão encarava como não inteiramente democrática (HOBSEAWM, 1995, p.48).

O término da guerra e a aniquilação alemã começam a acontecer após a Batalha de Stalingrado. Atual Volgogrado na Rússia, Stalingrado, na então URSS, foi a cidade invadida pelos alemães por se encontrar situada em um ponto estratégico de escoamento e recebimento de produtos. Isso se dava, pois estava à direita do rio Volga e possuía ferrovias ligando as usinas de minério e petróleo. Portanto, dominar este espaço para os alemães, significava, para além do ponto estratégico, a decadência soviética imediata.

Com duração um pouco maior que seis meses, de julho de 1942 até fevereiro de 1943, a batalha de Stalingrado é considerada uma das batalhas mais sangrentas da guerra, com cerca de 1,5 milhões de mortos, além de ponto marcante para o término da Segunda Guerra Mundial. Esta batalha se dividiu em quatro fases pontuais. A primeira foi defensiva e ocorreu a partir de 19 de novembro de 1942; a segunda, de ofensiva russa no norte e no sul de Stalingrado, assim cercando as tropas alemãs na cidade; a terceira é quando os alemães tentam salvar suas tropas em Stalingrado e fracassam; e a quarta, é a liquidação das forças alemãs, cercadas na cidade em janeiro de 1943.

Os alemães partiram para o ataque fazendo uso da tática de Blitzkrieg, contando com 330 mil combatentes do 6º Exército e do 4º exército de blindados. Mesmo em menor número de soldados, o exército vermelho saiu vitorioso. Algumas das razões para que isso fosse possível, foram: as experiências soviéticas em ataque; as condições do clima durante os combates em Stalingrado; os treinamentos que os exércitos haviam recebido em batalhas de rua; armamentos que possibilitaram a quebra da tática de Blitzkrieg que enfraqueciam os ataques, como eliminar todo e qualquer inimigo; manter a cidade organizada exemplarmente, com suprimentos durante a Batalha.

Tudo isso fez com que os alemães se rendessem no dia 2 de fevereiro de 1943, com seus 91 mil soldados em péssimas condições, sendo feitos prisioneiros dos soviéticos. A notícia do ocorrido chegou até a Alemanha apenas quinze dias depois. Não fora a primeira derrota dos nazistas na guerra, mas foi a mais devastadora e que mudaria daí em diante o curso da Segunda Guerra Mundial, definindo seu resultado final.

Encaminhando-se para o final definitivo da Segunda Guerra Mundial, outra batalha que garantiu a liquidação dos alemães foi a Batalha da Normandia, que também ficou conhecido como “Dia D. Chamada de Operação Overlord, inicia-se com o desembarque das tropas aliadas na Normandia, localizada na França, em 6 de junho de 1944. Para esta batalha, um milhão de soldados se infiltram no território da França, que se encontrava ocupado pelos nazistas, atacando-os de forma anfíbia, realizando bombardeios navais, aéreos e também com a participação de paraquedistas. Os alemães já esperavam a chegada das tropas aliadas na França pelo litoral, no Canal da Mancha. Porém os nazistas receberam informações enganosas com relação ao local de desembarque adversário, que aconteceu a 300 km de distância de onde estavam concentrados e prontos para atacarem.

Para esta invasão, muitos países aliados participaram enviando unidades (Estados Unidos, Austrália, Canadá, Bélgica, França, Grécia, Nova Zelândia e Noruega, para citar alguns dos doze participantes). Além de ter que atravessarem os 160 km do Canal da Mancha, as tropas teriam que ultrapassar a Muralha do Atlântico construída pelos alemães, abrangendo também a parte francesa do canal.

Para este importante e decisivo ataque, os Aliados utilizaram cinco mil navios carregados de veículos e homens, e quatro mil embarcações de desembarque. Já pelo ar, onze mil aeronaves. Apesar de que, naquele mesmo seis de junho, nove mil soldados Aliados tenham sido mortos ou feridos, outros cem mil tomaram a região costeira. E em cinco dias, já eram trezentos e vinte mil soldados no território francês. Um dos fatores de grande contribuição e significância para o sucesso desta batalha foi também a possibilidade de se decifrar mensagens nazistas, até então seguras, que foram codificadas pela Enigma, equipamento semelhante a uma máquina de escrever. Esta máquina fora criada pelo engenheiro alemão Arthur Scherbiur, próximo ao final da Primeira Guerra Mundial, para fins de uso comercial. E é em 1920 que em diversos

países as forças militares passaram a fazer uso deste invento. De tamanho portátil (para a época), pesavam cerca de seis quilos, estes modelos alemães foram utilizados com o objetivo de escriptar mensagens militares, fazendo com que, desta forma enigmática de troca de mensagens em códigos, os nazistas se mantivessem em vantagem por um período da guerra. As máquinas Enigmas eram compostas por um conjunto de aparelhos de cifragem portáteis, com seu princípio de funcionamento se dando através de rotores responsáveis pelas combinações cifradas, já que este sistema possuía dois segmentos de letras, somado a um painel luminoso e dois teclados, podendo cada máquina ainda ser adaptada para cada situação. Para as comunicações serem feitas sem equívocos e o mais precisas possível, o equipamento vinha acompanhado de uma espécie de manual, tabela, de combinações que este poderia realizar. Então, mensalmente, os nazistas responsáveis pelas mensagens, substituíam a tabela padrão de uso das combinações para não serem decifradas pelos adversários.

Para infelicidade alemã, foram os poloneses os pioneiros em conseguir decifrar o segredo da Enigma na década de 30, utilizando fórmulas matemáticas. No período em que a Guerra se expandia pelo país, a Polônia dividiu seus conhecimentos, obtidos em uma década de pesquisa, com os britânicos e franceses. Para auxiliar ainda mais, em 1942, um submarino alemão fora capturado, e neste encontrado um livro de códigos da máquina Enigma, facilitando o trabalho dos decodificadores Aliados.

Em 7 de junho de 1944, o Aliados tem vantagem ao conseguirem decifrar uma mensagem de grande valia enviada ao exército nazista que se encontrava na Normandia, como nos mostra GILBERT, ( 2014):

No dia 7, os serviços secretos britânicos decifraram uma mensagem Enigma enviada pela Força Aérea alemã para força de paraquedistas estacionada em Nancy, aludindo à falta de combustível. No dia seguinte, o chefe do Estado-maior da aviação, Sir Charles Portal, informava Churchill de que considerava o conteúdo dessa mensagem “um entre os mais importantes dados que recebemos que já recebemos”. À luz daquele conteúdo, restavam poucas dúvidas, na opinião de Portal e dos serviços de informação do Gabinete de Guerra, de que a ofensiva dos bombardeios britânicos devia concentrar-se “contra as fábricas de petróleo sintético, assim que o desenvolvimento da operação Overlord permitir”.

Churchill escreveu sobre a sugestão de Portal: “Muito Bem.” No mesmo dia, o comandante das forças de bombardeios americanos, general Spaatz, determinava que as fábricas de petróleo alemãs seriam os alvos prioritários da Força Aérea do Estados Unidos.

Dali por diante, as instalações industriais mais decisivas para a continuação do esforço de guerra alemão seriam atacadas com força e eficácia

crescentes, numa série de bombardeamentos aéreos ininterruptos que se revelariam tão importantes para a derrota da Alemanha quanto o desembarque anfíbio da Normandia. Quatro dias depois de Portal enviar a informação a Churchill, um ataque noturno realizado por bombardeiros britânicos contra instalações de fabricação de petróleo em Gelsenskirchen foi tão eficiente que a fábrica precisou manter-se fechada por vários meses, tendo sido destruídas cinco mil toneladas de petróleo armazenado (GILBERT, 2014, p.664 e 665).

Com relação aos números a serem apresentados, tem-se quatrocentos e vinte e cinco mil soldados mortos, tanto alemães como aliados. Neste mesmo número estão inclusos desaparecidos e feridos. Duzentos mil homens, depois de capturados, se tornaram prisioneiros dos Aliados, apresentando uma média de trinta mil capturados por mês, do dia do início da Batalha até o natal de 1944. Assim como a derrota nazista em Stalingrado em 1943, o “Dia D” foi crucial para os Aliados.

Os tempos que se seguiram até o 8 de maio de 1945, data esta que marca o fim da Segunda Guerra Mundial, aonde o Terceiro Reich se rendera, foram de sucessivas derrotas sofridas pelos alemães. Uma a uma, as tropas, eram dizimadas ou obrigadas a se renderem. Mesmo assim, Hitler sempre encontrava uma maneira de não mostrar fraqueza, como que se fosse possível virar o jogo a qualquer momento. Porém, o exército vermelho se aproximava cada vez mais de Berlim, o que deixava mais claro que as coisas não se encaminhavam para o objetivo almejado. Por mais ameaças, promessas e substituições referentes às lideranças que comandavam as tropas nazistas, nenhuma das atitudes tomadas veio a surtir efeito favorável a estes naquele momento.

Em 12 de abril de 1945, Roosevelt morre em sua casa na Geórgia. Morte súbita, assassinato e suicídio, são as possibilidades murmuradas entre Aliados e Nazistas. Em 28 de abril de 1945, Mussolini morre fuzilado na Itália. Já em 30 de abril de 1945, por volta das 14h30, tropas do exército vermelho tomam Berlim. Um dos soldados fixa a bandeira soviética no alto do Reichstag, (prédio do parlamento alemão), mesmo ainda que houvessem soldados alemães no andar superior. E assim, a cerca de dois quilômetros dali, às 15h30, após o almoço, Hitler solicita que seus companheiros o deixem sozinho, e em poucos minutos depois, estes escutam o disparo de um tiro. Tiro este que Hitler disparou em sua própria boca findando assim sua trajetória na guerra. No mesmo local, quando seus companheiros adentraram para ver o que havia ocorrido, encontraram também Eva Braun, sua esposa, morta por ter se envenenado.

Após mais 8 dias da data do suicídio de Hitler é que se declara encerrada a guerra. Hitler ainda deixa uma espécie de testamento, carta escrita, enfatizando, dentre

outras colocações, que, mesmo ele não estando mais presente para lutar, os herdeiros da raça ariana ainda haveriam de seguir em busca de seus objetivos e defender seus ideais. Também descrevendo alguns resultados finais da Segunda Guerra Mundial, VIZENTINI, (1998), contribui com:

O custo social e econômico da Segunda Guerra Mundial foi elevadíssimo. Além da destruição propriamente dita, foram gastos um trilhão e meio de dólares – ao valor de 1939 – durante o conflito, que envolveu diretamente 72 países e mobilizou 110 milhões de soldados. Houve 55 milhões de mortos, 35 milhões de mutilados e 3 milhões de desaparecidos. A maioria das vítimas era constituída de civis. As perdas humanas abarcaram, também, outras dimensões: milhões de crianças órfãs, de pessoas humilhadas e traumatizadas, além de milhões de desabrigados e refugiados devido à própria guerra, despovoamento e colonização com fins políticos, bem como, retificação de fronteiras. As marcas da destruição cobriam quase toda a Europa e grande parte da Ásia (VIZENTINI, 1998, p. 88).

O socialismo também desponta significativamente com o término da guerra, bem como, os grupos que se mostraram resistentes tornam-se, na Europa e na Ásia, movimentos político-militares importantes. Os Estados Unidos se beneficiaram consideravelmente após o conflito com a expansão de sua industrialização, acolhendo os desempregados. Foram também os que menos apresentaram baixas humanas e não sofreram perdas materiais, fatores que contribuíram para o que se tornassem a potência econômica mundial atual.

### **CAPÍTULO 3**

#### **OS FILMES “O RESGATE DO SOLDADO RYAN” E “CÍRCULO DE FOGO”.**

O filme “O Resgate do Soldado Ryan”, foi lançado em 11 de setembro de 1998, e tem duração de 2h23min. Tem como diretor Steven Spielberg. Além de diretor, Spielberg é também produtor e roteirista. De nacionalidade americana, nasceu em 18 de dezembro de 1946, em uma família Judaica de classe média. Com 12 anos de idade, já ganhara sua primeira câmera e com 19 anos, iniciou no curso de Cinema da Universidade da Califórnia. Seu primeiro grande sucesso nas telas foi o filme “Encurralado” em 1971. Inovador com relação aos efeitos especiais produziu vários sucessos de bilheteria. Como alguns exemplos temos: “E. T. Extraterrestre”, “Indiana Jones”, e “Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros”. Nas produções voltadas para o drama, é reconhecido definitivamente pela crítica televisiva, nas produções que realizou com base em relatos sobre a Segunda Guerra Mundial em “A Lista de Schindler” e “O Resgate do Soldado Ryan”. Estes foram os que lhe renderam Oscar, e tornando-o influente diretor do cinema mundial. Aborda em suas obras, além de dramas e inovações em efeitos especiais, as questões de racismo e terrorismo.

Entre suas obras estão: “Os Audaciosos”, 1968. “Faces”, 1968. “Encurralado”, 1971. “A Lista de Schindler”, 1993. “Jurassic Park - Parque dos Dinossauros”, 1993. “O Resgate do Soldado Ryan”, 1998. “Prenda – me Se For capaz”, 2002. Um fator que também chama atenção em suas obras é que, em seis delas, o ator Tom Hanks faz parte do elenco.

No filme “O resgate do Soldado Ryan” o elenco principal é composto por: Tom Hanks, como Capitão John H. Miller. Tom Sizemore, personagem: Michael Harvath. Edward Burns, personagem: Daniel Jackson. Adam Goldberg, personagem: Stanley Mellish. Vin Diesel, personagem: James Francis Ryan. Giovanni Ribisi, personagem: Irwin Wade.

A crítica de público nos mostra que foi considerado um dos melhores filmes de guerra de todos os tempos. Contém cenas impressionantes que tocam profundamente os telespectadores, passando imagens muito realistas e chocantes ao mesmo tempo, ressaltando o forte nacionalismo e os horrores da guerra. A cena inicial do filme é considerada uma das melhores produções já vistas, mesmo que todo o filme seja uma

obra prima, a parte inicial se destaca indiscutivelmente. Isso faz com que os espectadores se sintam em meio à batalha do “Dia D” na Normandia.

E o filme “Círculo de Fogo”, que fora lançado em 6 de abril de 2001, tem duração de 2h10min, e seu diretor é Jean-Jacques Annaud. Annaud também é roteirista e produtor. Francês, nascido em 01 de outubro de 1943, formou-se em Literatura na Sorbone e também estudou Cinema no Institut de Hautes Etudes Cinematographiques em Paris.

Por muito tempo fez comerciais e sempre teve como objetivo, fazer um cinema diferente, e para isso, não demonstrava pressa. Em 25 anos, produziu 9 títulos para as telas. Costuma abordar temas incomuns em suas obras, como os referentes às guerras, futebol, pré-história, período medieval e erotismo. Também pontuam suas linhas de abordagens, obras literárias. Entre algumas dessas produções encontram-se então: “A Guerra do Fogo”, 1981. “O Nome da Rosa”, 1986. “O Amante”, 1991. “Sete Anos no Tibet”, 1997. “Círculo de Fogo”, 2001. “Era Uma Vez Dois Irmãos”, 2004. “O Príncipe do Deserto”, 2011. “Espírito de Lobo”, 2015.

Como elenco principal, esta obra de Annaud contém: Jude Law, personagem: Vassili Zaitsev. Rachel Weisz, personagem: Tânia. Joseph Fiennes, personagem: Danilov. Ed. Harris, personagem: Major Konig. Bob Hoskins, personagem: Nikita Krushchev. Ron Perlman, personagem: Koulinkov. Eva Mattes, personagem: Mtoher Filipov. Mattias Habich, personagem: General Paulus.

A crítica de público traz consigo variados depoimentos. Muitos elogios, mas também comentários desaprovadores. Alguns descrevem que em nível de abordagem temática pode ser comparado com o filme “O Resgate do Soldado Ryan”. Outros o consideram mediano, porém de cenas intensas. Relatos também apontam com relação a pressão psicológica, crueldade e até comparação com atividade escrava que os soldados soviéticos sofreram durante a guerra. Aonde um combatente se destaca como o herói da pátria, não pontuando os demais colaboradores para tal. Pátria esta, que segundo um dos críticos, diz ser pior que a Alemanha fora para seu próprio exército. Muitos comentários positivos são direcionados aos cenários, fotografias históricas bem colocadas para o gênero da abordagem fílmica. Um dos fatores mais mencionados nas colocações é que, diferente de outros filmes de guerra, são as cenas em que não se pode ver ninguém, nem uma pessoa se quer ou ruído, porém, qualquer movimento não planejado e desprotegido,



pode resultar em ser atingido por um disparo que nem se saberia de onde haveria partido. Outra colocação se referindo quanto ao público interessado ser relativamente baixo comparado ao do filme “O Regate do Soldado Ryan”, já que, os dois tratavam da mesma guerra, seria por não estar abordando a participação americana na guerra e sim a soviética. Descreve ainda que, os americanos em termos de patriotismo, são considerados desenfreados e junto a isso, também acompanham mais as produções cinematográficas voltadas para assuntos relacionados às guerras em que participaram. Patriotismo este menos manifestado nos soviéticos.

Quanto ao desfecho das obras abordadas então, temos em “O Resgate do Soldado Ryan”, já como ponto inicial e data principal, considerada também como cena auge do filme, o desembarque das tropas americanas na Normandia no “Dia D” na praia de Omaha. Após este ataque sangrento, muitas perdas sofridas pelos americanos, os sobreviventes conseguem se instalar em local seguro. Logo em seguida, o grupo principal da história, juntamente com o capitão John H Miller, receberam como missão resgatar o último irmão vivo, dos quatro da família Ryan, que estavam lutando na guerra. O desafio inicial deste resgate era localizar aonde se encontrava James Francis Ryan, soldado altamente treinado para desempenhar a função de paraquedista. Por este motivo, ele poderia estar em qualquer lugar da França, já que, caíra em local errado, ou até mesmo, poderia estar morto.

De início, a equipe selecionada pelo Capitão Miller, se mostra insatisfeita com a ordem de busca ao soldado, manifestando sentimento de revolta e indignação. Por que motivos, naquela altura dos fatos e situações, as vidas de 8 homens deveriam ser arriscadas para que, um único fosse salvo e devolvido para sua casa e família, se todos gostariam de voltar para suas casas e famílias também. Mas, com a forma de abordagem de um líder maestral, que se apresentava o capitão Miller, foram convencidos a seguirem as ordens superiores, pois todos lá estavam para servir a pátria e cumprir ordens. Iniciada a jornada de destino e rumo incertos, Capitão Miller e seus soldados passam por várias dificuldades, tendo que lutar pelas suas vidas para salvarem a vida de Ryan. Até o almejado e penoso encontro do paraquedista, dois dos soldados do grupo são mortos. Estes ocorridos, em um momento causaram novamente agitação, revolta e indignação nos soldados do grupo, pelo fato de terem que arriscar a vida de vários para que um seja salvo. Porém Miller soube acalmá-los e colocá-los novamente em harmonia, companheirismo e ajuda mútua em prol do bem estar do próximo, seja o de

Ryan ou o de qualquer outro membro que estivesse lutando pelo mesmo ideal americano.

A história narrada em “Círculo de Fogo” aborda como ponto principal, os 180 dias da batalha de Stalingrado. O pastor Vassili Zaitsev é convocado para compor o exército vermelho durante a Segunda Guerra Mundial. Enviado para enfrentar soldados alemães em Stalingrado em um período que nem se quer possuíam armas em quantidade suficiente para combaterem os inimigos. Soldados mesmo desarmados eram enviados para batalhas, e assim que seus companheiros morressem, deveriam então resgatar e fazer uso de suas armas. Dessa forma é que Vassili chega a Stalingrado e vai direto para um combate. Sem arma e com praticamente nenhuma chance de barrarem os soldados alemães que, naquele período estavam em seu auge de ataques e poder em armamentos diversos durante a guerra. Os soldados do exército vermelho naquele momento, como mostrado nas cenas, eram movidos por muita pressão psicológica para que enfrentassem o inimigo de qualquer maneira que fosse possível. E se recuassem, seriam mortos pelo próprio exercito. Vassili não consegue uma arma no combate sangrento e devastador das cenas iniciais que ocorrem em Stalingrado. Tentando então se proteger na praça, conhece o comissário, jornalista Danilov, que também buscava proteção em meio aos tiros, cadáveres e explosões. Percebendo que Danilov não possuía habilidade para lidar com a arma que estava manuseando na tentativa de atingir os alemães, Vassili se oferece para auxiliá-lo. Finalmente ele conseguira uma arma para se defender e isso fez com que ele atingisse 5 inimigos com as cinco munições que ele trouxe consigo, matando-os para que os dois ficassem fora de perigo, naquele momento. A habilidade com arma de fogo que Vassili demonstra naquela cena e no decorrer de todo o filme, tem origem nos ensinamentos que seu avô lhe transferira. Na cena inicial do filme, Vassili aparece ainda criança em uma caçada a lobos na mata com seu avô ensinando as técnicas de mira ao alvo e precisão no disparo. Com essas técnicas herdadas na infância é que ele se destaca na guerra.

Danilov, um jornalista político servidor da imprensa soviética, era responsável por escrever manchetes dos últimos acontecimentos da guerra, sempre visando com estas informações estimular o exército vermelho a atacar o forte inimigo, e de alguma forma, provocar apreensão nos alemães que se encontravam em considerável vantagem naquele momento. Admirado com a atuação de Vassili naquele ocorrido, encontra uma oportunidade de conseguir destaque e prestígio de seus superiores em sua posição de

correspondente e uma forma de injetar ânimo e persistência no exército bastante esgotado e com poucos recursos em armamentos. Também, ou até se diga, principalmente, utilizara a figura de Vassili como exemplo para as tropas russas, que não poderiam esmorecer naquele momento da guerra.

A fama de persistência e potencial ímpar em eliminar adversários de Vassili, não só provocou estímulo aos demais russos, mas também a ira dos alemães que, assim que souberam da existência e atuação deste atirador, enviam o Major Konig, também considerado um dos melhores franco atiradores que possuíam para Stalingrado. As informações de que um alemão teria vindo até Stalingrado especialmente para eliminar Vassili não demorou a se espalhar, o que demonstrou logo que o duelo seria de gigantes. Paralelo a este duelo de fogo entre atiradores, a história apresenta outro duelo que surge logo em seguida. Vassili conhece Tânia, moça soldado que chamara sua atenção ainda na viagem de trem que os levava até Stalingrado. O desembarque de ambos ocorreu em locais distintos, porém, não demorou muito para se encontrarem novamente, dividindo o mesmo alojamento, esconderijo. Danilov, alucinado com a ideia que teve em fazer de Vassili o ícone da guerra, vai até este mesmo alojamento para entregar as cartas de agradecimentos e congratulações pela atuação de Vassili em prol da nação russa, vindas de inúmeras regiões. Nesta ocasião, também conhece Tânia e, naquela escassez de “oportunidades” que a guerra provocara, também passa a nutrir um interesse romântico por ela. Na sequência dos fatos é apresentado então, um duelo romântico e outro entre franco atiradores.

As semelhanças entre as duas obras são que, logo nas cenas iniciais, são apresentados os recortes históricos nos quais estão embasadas. O “Resgate do Soldado Ryan”, já tem seu início com a cena, consideravelmente longa e eletrizante, aonde aborda o desembarque das tropas americanas na praia de Omaha, regada de tiros, muito sangue e pessoas mutiladas. “Círculo de Fogo” tem sua cena inicial mostrando Vassili, ainda criança aprendendo a utilizar a arma de fogo com seu avô, e também logo em seguida, surgem imagens dos soldados chegando a Stalingrado, sendo asperamente orientados a enfrentarem o inimigo em meio à cidade arrasada pelos alemães, que bem melhor armados, desfalcam quase que de imediato aquele grupo do exército vermelho recém chegado e deficientemente armado.

As características que se diferem entre as obras se definem mais quando se aborda a habilidade de Vassili como atirador de elite, protegendo e auxiliando Danilov, eliminando os inimigos presentes naquele local um a um, sem erros e sem desperdício de munição. Daí em diante, as cenas são direcionadas a esta atividade desempenhada pelo atirador na guerra, em paralelo com o triângulo amoroso após os dois homens, Vassili e Danilov, conhecerem a soldado Tânia. A preocupação de Vassili em não ser pego pelo atirador alemão, atingindo-o antes. Danilov se empenha em conquistar seu prestígio na imprensa, com ascensão de cargo, e também em conquistar Tânia. E já em “O Resgate do Soldado Ryan”, as cenas em seguida, vão apresentando a busca da união e do companheirismo entre o grupo principal de soldados, bem como frisando constantemente que estavam ali, e fariam tudo que fosse necessário para defenderem a América, seus familiares e seus colegas aliados de combate. Repleta também de grandes confrontos armados, com tiroteios pesados, mostrando a atuação importante dos médicos em socorro aos feridos, mesmo que sem muitas chances que poderiam ter de sobreviver, eram sempre atendidos da forma que fosse possível no momento. Outra particularidade desta obra é que, sempre estavam mencionando as localizações de onde se encontravam, bem como, onde estavam ocorrendo às invasões inimigas, número de baixas de soldados mortos e feridos. Combates vencidos, combates ocorrendo, tipos de armamentos utilizados também contribuíam para se ter dimensão maior dos resultados e atuações dos acontecidos durante a guerra.

Em “Círculo de Fogo” as cenas são mais focadas em articulações milimetricamente calculadas em prol do individual. Manifestações sentimentais são bem raras entre os grupos. A parte sentimental fica focada no romance que acontece no desenrolar da trama. O trabalho em grupo na questão dos conflitos da guerra é sutil, quase que inexistente. Há dois franco atiradores de lados opostos, trabalhando para um eliminar o outro, e tentando defender suas próprias vidas. Vassili tem ajuda em alguns momentos, porém seus companheiros acabavam morrendo logo, restando sempre ele no final das cenas. Major Konig, conquista a amizade e confiança do pequeno Sacha Filipov, engraxate que pertence ao grupo russo ao qual Vassili faz parte. Essa amizade com o menino lhe rendeu valiosas informações sobre as estratégias de ataque do grande atirador soviético. Porém Sacha, se sente confuso em alguns momentos. O encantamento inocente e infantil se divide em, torcer pelo famoso soldado exemplo de sua pátria, ou auxiliar o Major alemão que lhe presenteava com alimentos e chocolates

saborosos. Sacha também sabia que, mesmo tendo o super atirador Vassili no exército vermelho, a Alemanha, naquele momento, estava em seu auge da força em guerra, eram os mais fortes, e os fortes são os que geralmente ganham, e uma criança como Sacha, em qualquer lugar do mundo e circunstância, não gostaria de torcer pelo lado que, visivelmente será derrotado. Até mesmo o pequeno Sacha queria se sair bem, mesmo sabendo que isso poderia custar a vida de alguém por quem ele tinha apreço. Isso reforça o ideal de bem estar individual que a obra cinematográfica traz, e que contradiz com o ideal soviético que pregava o bem estar comum e igualdade entre os povos com a implantação do comunismo.

Essa diferença entre a história contada pelo cinema e o ideal real da nação abordada também acontece em “O Resgate do Soldado Ryan”. Mesmo após saber que seus três irmãos haviam morrido em combate, e ele estaria liberado da guerra podendo assim retornar para sua casa, James Ryan se recusa a desfrutar desta chance que muitos, ou até todos gostariam de ter, para cumprir com sua missão de proteger a sua pátria e seus companheiros até o final de suas forças. Essa atitude, em meio às várias que se referem em trabalhar e se arriscar para o auxílio do próximo, apresentadas durante o filme, se mostra contrario ao ideal capitalista Americano, que apresenta uma linha de bem estar voltada a uma minoria apenas.

As cenas voltadas ao sentimentalismo apresentadas em “Círculo de Folgo” se diferenciam das pontuadas em “O Resgate do Soldado Ryan”. O primeiro mantém o foco sentimental no romance decorrente, e também no sentimento em se sair bem individualmente, como já detalhado anteriormente, sobre as figuras principais do enredo. Já o segundo, mostra o Capitão Miller chorando em meio as dificuldades que estava enfrentando com o grupo que conduzia, mas sempre longe destes, para não demonstrar fraqueza. Assim também os soldados, em várias cenas antes de morrerem, manifestavam fragilidade chorando, chamando por suas mães, e seus companheiros auxiliando da forma que podiam, com palavras ou atitudes, não deixando desamparados aqueles que estariam findando tragicamente sua participação na guerra.

Ainda nessa linha sentimental, a forma com que o Capitão Miller conduzia e mantinha seu grupo unido, tarefa que não se mostrou fácil, era bem diferente das formas de abordagens despendidas aos soldados do exército vermelho. Miller sempre buscava exemplos oriundos de seu cotidiano anterior a guerra para se manter firme nos desafios

que tinha que enfrentar e compartilhava isso com seus soldados com o objetivo de incentivá-los a fazerem o mesmo e não desanimarem. Isso fazia com que ele conquistasse o prestígio e respeito do grupo que conduzia, facilitando a organização do mesmo, dividindo as experiências e histórias pessoais de cada um anterior a guerra. Isso, por momentos trazia sensação de alívio, desvio dos horrores diários presenciados e esperança, alimentando o desejo de retorno e a coragem nos soldados para que isso fosse possível. Já a frase de apoio direcionada aos soldados soviéticos que mais se ouvia era: “Parem de borrar as calças”. Poucas são as cenas em que se vêem soldados chorando, pessoas tentando consolar umas as outras, ou seja, a atuação em grupo no momento. A obra sempre se direciona ao individual. Danilov congratula e cria uma imagem extraordinária de Vassili para se promover profissionalmente. O Major Konig, presenteia e agrada o pequeno Sacha para obter informações sobre as estratégias de Vassili. Este, busca formas para se defender e manter a figura sobre si que Danilov criara, mesmo sabendo que seria difícil ou quase impossível, pois o cerco se fechava cada dia mais. Até que em um dado momento ele solicita que Danilov pare de escrever e distribuir folhetins sobre seus feitos, pois não se via mais naquela posição, e poderia ser morto a qualquer momento. Somado a esse pedido, Danilov descobre que Tânia está mais próxima de Vassili. Isso o incomoda profundamente, e utiliza esse desgosto para, nas suas próximas publicações, desbancar a figura que ele mesmo criara, acusando Vassili de não cumprir as obrigações que um soldado russo deveria, sendo assim classificado como traidor. Aqui, mais uma vez se manifesta uma atitude voltada para benefício individual.

Em “O Resgate do Soldado Ryan” quando, finalmente Capitão Miller e seus soldados restantes, encontram James Ryan e ele se recusa a retornar e abandonar seus colegas de batalhão em um momento delicado de ataques, já que teriam que guardar uma ponte, construções essas que durante a guerra foram alvos importantes para auxiliar nas passagens e também para serem destruídas impedindo o inimigo de ter acesso a elas, dificultando deslocamentos. Sendo assim, se organizam para melhor combaterem os alemães que estavam a caminho da cidade bastante destruída, mas com uma ponte a ser zelada e principalmente, a vida de Ryan estava ali também. Mesmo ele se negando a retornar naquele momento, Capitão Miller ordena que Ryan não saia de perto dele, pois se Ryan tinha a missão de permanecer combatendo, a de Miller era de protegê-lo e o entregar com vida para sua mãe. Após se organizarem e se distribuírem com o que

tinham de armas, que não era muita coisa naquele momento, ele aguardam os alemães com organizada estratégia de atuação em grupo como objetivo de encurralar os adversários e tentar vencê-lo, e não menos importante, proteger a vida do soldado Ryan. Os alemães chegam com uma infantaria pesada, muitos homens, armas, tanques blindados e prontos para acabar com tudo. Isso não intimidou o pequeno grupo inglês, que lutou bravamente eliminando muitos homens, porém também perdendo alguns dos seus. Nessas perdas estava incluso o Capitão Miller, que fora atingido por um tiro no coração. Sempre protegendo o soldado Ryan naquele conflito, as últimas palavras do Capitão ditas ao soldado foram: “James, faça valer a pena”. Nesse mesmo momento, aviões caças americanos surgem atirando para defenderem seus aliados, e a infantaria alemã parte em retirada. O filme termina com o soldado Ryan já idoso, prestando agradecimentos em frente ao túmulo do Capitão com sua família.

O desfecho final de “Círculo de Fogo” se dá quando o pequeno Sacha repassa uma última informação das localizações dos franco atiradores, já que o menino desempenhou o papel de “leva e traz” na trama, mantendo ambos informados das posições que ocupariam. Estavam os dois nos locais informados. Vassili se finge de morto ao se camuflar entre cadáveres para não ser avistado pelo Major Konig. Nisso, um homem buscando recolher pertences dos soldados mortos, pega seus documentos junto ao bolso de seu uniforme, e estes que vão parar nas mãos dos alemães. A informação é de que fora encontrado no bolso de um cadáver, isso fez com que fosse anunciado que o franco atirador russo Vassilli Zaitsev estava morto. A notícia se espelhou logo, e como Vassili não retornara ao esconderijo, seu grupo achava que realmente ele estivesse morto. Porém Vassili retorna, afirmando que não tinha chances de escapar do Major Konig.

Ao limpar as botas do Major Konig, Sacha chora. O Major o consola dizendo que Vassili estava vivo e o esperaria no dia seguinte próximo a estação, e também orientou para que Sacha não saísse de casa naquele dia e que confiaria nele. Esta colocação fora feita propositalmente pelo Major, já que este desconfiava que Sacha estivesse repassando informações sobre ele a Vassili. As suspeitas de Konig se confirmam, porém o pequeno Sacha o desobedece e sai de casa, e essa desobediência lhe custara à vida. O Major utiliza o corpo do menino como isca para atrair Vassili, que esta com Tânia quando avistam o corpo do menino pendurado na estação de trem. Tânia retorna para o esconderijo com Danilov para comunicar a mãe de Sacha que este era um

traidor e que não retornaria mais, não revelando a ela sobre a morte do menino. Tânia sai com a mãe de Sacha para acompanhá-la até o rio Volga, onde os russos estavam sendo embarcados para um local mais seguro. Danilov está junto delas, e neste local ocorre a explosão de uma granada atingindo Tânia que cai desacordada. Todos acham que Tânia tinha morrido. Danilov retorna ao local em que Vassili está para comunicá-lo da morte de Tânia. Vassili permanece imóvel, aguardando o momento adequado para atingir o Major Konig que estava mais a frente, em sua direção, fazendo o mesmo. Danilov, em uma manifestação de remorso, pedido de perdão, se levanta ao lado de Vassili sendo imediatamente atingido por Konig com um tiro certeiro na cabeça. Achando que havia atingido Vassili, Konig aguarda alguns minutos e sai de seu esconderijo e nesse momento é que os dois franco atiradores estão frente a frente, mas Vassili em posição de ataque, não desperdiça a chance e o mata. Na margem do rio, Tânia é examinada e ainda conserva os sinais vitais, sendo encaminhada para o hospital na outra margem. A batalha que iniciara em outubro de 1942 se encerra em janeiro de 1943. Após isso é que Vassili chega até o hospital em que Tânia está, e a cena final do filme é o encontro dos dois.

Na parte final das obras, a aproximação se dá quanto aos relatos das batalhas. Stalingrado se apresenta arrasada. Quatro meses de luta devastadora, corpos mutilados e muitas pessoas precisando de socorro. A apresentação destas datas e números serve para repassar a informação histórica aos telespectadores, que por ventura não têm acesso a essa informação. Com ajuda desse recurso, a memorização se torna mais fácil. O “Dia D” também fica mais próximo de ser compreendido. Além do destaque do trabalho em grupo dos ingleses e seu fervoroso patriotismo.

Nas cenas finais, segue o mesmo distanciamento das partes iniciais. A atuação em grupo inglesa permanece até a última cena. Os esforços individuais para o bem coletivo dão base ao enredo. Já os soviéticos, até os últimos momentos trabalham com o foco no franco atirador. Mesmo que Danilov tenha retornado para auxiliar Vassili, creio que tenha feito isso apenas por que achava que Tânia estivesse morta, se não teria partido com ela deixando-o a mercê do Major Konig.

As potencialidades que as obras apresentam para serem utilizadas em sala de aula são as de demonstrarem a forma de atuação dos exércitos em combate. Como aconteciam os ataques anfíbios, os aéreos e como eram os tanques blindados. Também



como os soldados se organizavam em momentos que não possuíam todos estes recursos, a sobrevivência em guerra, e a atuação dos médicos. Como as pessoas de variadas profissões paravam em campo de combate e passaram a desempenhar funções nunca antes imaginadas por eles. Todas estas mudanças radicais que esta guerra, assim como outras provocam em uma sociedade inteira. Também a forma de atuação em grupo nos exércitos e a atividade dos atiradores de elite.

Apresentar ao público escolar as cidades, países em que se deram estes confrontos, utilizando como comparativos os tempos anteriores a guerra, os durante os posteriores aos confrontos e a atualidade das regiões. O que se modificou, o que permaneceu e o que desapareceu. Os sistemas políticos governamentais da época e os atuais também são de importância permanente nos currículos das escolas, para darem a dimensão das variáveis sociais e desenvolverem a potencialidade de onde as situações se originam e se findam.

## CONCLUSÃO

Na busca de se registrar fatos cotidianos ou incomuns através de imagens é que se tem o despontar do cinema na vida humana. Das pinturas rupestres até as imagens em 3D que temos hoje, o objetivo do registro moveu a interpretação dos mais diversos autores e criadores, deixando algo registrado para quem viria posteriormente ou quem não teve oportunidade vivenciar certas experiências consideradas importantes para cada período histórico.

Além de despertar o interesse em conhecer atividades, fatos e figuras do passado, a estética, que tem base em estudos do que é belo nas manifestações artísticas, coloca que a satisfação interior dos indivíduos ao entrarem em contato com estas imagens associadas a sons é significativa. As emoções afloram de maneira profunda, chegando ao íntimo do ser e irradiando inúmeras sensações ligadas à alma. E estudar o que filme provoca na alma, também foi e é um prato cheio para os estudiosos das relações humanas.

Uma nova forma de entretenimento passou a se tornar em uma nova arte, uma nova indústria e uma nova forma de fazer história. Nada disso esteve nos planos dos irmãos Lumière ao fazerem suas primeiras projeções no final do século XIX, e que atualmente, adentra nossas casas trazendo informações, contribui para o movimento econômico das sociedades, transmite cultura e conhecimento e é um sonho profissional de muitas pessoas. Mesmo que inicialmente a arte cinematográfica não tenha sido reconhecida como documento histórico, atualmente não se fala em história sem que seja citada alguma obra que contribua para descrever melhor algum recorte. Essa ferramenta faz com que os acontecimentos cheguem até o conhecimento das pessoas em geral, de uma forma simples de compreender e maneira agradável às mais variadas faixas etárias.

A Segunda Guerra Mundial é considerado um fato histórico recente, ainda se é possível encontrar sobreviventes que possam narrar suas experiências. Sabendo que isso não será possível por muito tempo, muitos dos sobreviventes registraram, eles mesmos, suas experiências através da escrita, ou contando essas histórias para outras pessoas que assim fizeram o registro. A indústria cinematográfica encontrou nesse acontecimento histórico um campo vasto de abordagens que tende ainda a se expandir. A utilização de efeitos especiais contribui e desperta ainda mais o interesse e a satisfação de quem assiste uma obra, dando a sensação de estarmos vivendo dentro dela, provocando

emoções variadas. Nas obras abordadas referente à Segunda Guerra Mundial, muito se pode ver sobre os locais descritos, as formas de atuação dos soldados em geral, dos líderes e de algumas das nações participantes. Aqueles detalhes que as narrativas orais e escritas trazem na voz ou relato emocionado de quem às relembra, podem ser praticamente vivenciada por quem assiste estas produções, dando maior dimensão do que foi aquele período de batalhas.

Com todas estas particularidades, os filmes “O Resgate do Soldado Ryan” e “Círculo de Fogo” abordam temas referentes a fatos históricos, que se assemelham em suas apresentações. Ambos, já no início das cenas apresentam as batalhas da guerra nas quais cada um desenvolveu seu enredo, deixando assim, o crivo histórico como base inicial. Também se distanciam um do outro durante o desfecho das narrativas, quando um passa a focar em um soldado em específico. Suas estratégias de defesa e a imagem sobre ele que é criada perante a nação soviética, e o que essa imagem passa a representar naquele momento. Já o outro segue na busca da preservação da união do grupo, do sacrifício em prol do próximo, da América e do retorno para suas famílias. Também os momentos em que aqueles soldados, treinados para matar, se deixam tomar pelos sentimentos, se apresentando como seres frágeis em cenas de choro, e desejo de se desvencilharem daquela situação o mais breve possível.

Com essa linha de abordagem, estas obras, e também outras, se mostram passíveis de uso em sala de aula como complemento de conteúdos ou como forma de introdução, despertando o interesse nos alunos. Vivemos em uma era digital, e o ensino de história não pode ficar para trás em termos tecnológicos. Ou seja, continuaremos a contar os fatos que aconteceram há tempos remotos, passados, e os da atualidade, mas com aquele toque de modernidade que venha de encontro com as satisfações da atualidade, sem perder sua essência fundamental que é a construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques, et.al. **A Estética do Filme**; tradução Marina Appenzeller; revisão técnica Nuno Cesar P. de Abreu- Campinas, SP: Papirus, 1995-(Coleção Ofício de Arte e Forma). 2ª Edição 2002.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**; tradução Ana Luísa Faria. Miguel Serras Pereira. -1ª ed.- Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli.- São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula**. Fênix, Revista de História e Estudos Culturais, Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Abril/Maio/Junho de 2008.

NOVOA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. In. **O Olho da História**: revista de História Contemporânea. Vol. 1 nº 1. Salvador/BA, 1995.

OLIVEIRA, Dennison de. **O Cinema e a Segunda Guerra Mundial no Século XXI**. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, Guarapuava – PR-28ª30 de abril de 2011.

QUINSANI, Rafael Hansen. **A Revolução em Película: uma reflexão sobre a relação cinema-história e a guerra civil espanhola**; Editora Estronho – São José dos pinhais, PR, 2014.

SILVA, Priscila Aquino. **Cinema e História: o imaginário norte americano através de Hollywood**. Revista Cantareira UFF On Line, 5ª edição. Vol.1, Ano 2, Abri-Ago. 2004.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Segunda Guerra Mundial: história das relações internacionais, 1931-1945**. – Porto Alegre: ed. da Universidade/UFRGS, 1988.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **História do Século XX** – 3ªed. ampl.- Porto Alegre: Leitura XXI, 2007- 1ªed. 1998.